

# A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÔNIO R. SANTOS

Comp. na Tip. de «A COMUNA» — Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Poeta do Sol, 32

Redactor principal: ANTÔNIO TEIXEIRA

Redacção e Adm. (Provisória):  
RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:  
APARTADO 17

Administrador: DAMIÃO CASTELO

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: 300

## O DESCONHECIDO

Como se tornou indispensável, nesta maré de desinteligências políticas e de incompetências governativas, de *débaclé* económica e de derrocada social, preparar uma panaceia com figurações de originalidade para basbaquear o nosso simplicíssimo Zé Povo, fazendo-lhe desviar as atenções das imoralidades correntes e esquecer os sofrimentos que lhe devassam o lar — intensificou-se a propaganda a favor do *soldado desconhecido*. Uma miragem de se reacender a fogueira do patriotismo, que extingue os seus últimos reverberos na realidade dos factos...

A imprensa de balcão e a imprensa das clientelas, que jámais tiveram frases candentes para profligarem os traficantes da miséria pública, também ramilhetaram fartamente a sua debotada taboleta da retórica, hossanando uma população inteira, representada no *desconhecido*, que ajuda a espoliar com a sua cumplicidade e até com a generosa paga das oligarquias financeiras que assambarcaram toda a riqueza nacional.

Tudo quanto se vai representar no sábado próximo, é importado da Inglaterra, dessa Albion contra a qual os republicanos anteriores a 31 de Janeiro dirigiram as suas críticas mais sangrentas, alicerçando sobre elas as razões fundamentais da revolta contra a dinastia bragantina, depois de plangentemente tocarem o lúgubre bordão do desmantelamento da Pátria...

Que belos tempos! Como eles são a mestra da vida!

Os num admirável espírito de macaqueação imitativa, os nossos preopinantes dirigentes, centrais e locais, sem olharem aos nossos hábitos nem a nossa educação e feitos infleugmáticos, decretaram que, em honra do vulgarizado *desconhecido*, no dia 9 de abril, data em que as tropas portuguesas foram duramente atacadas, em França, pelas hostes teutónicas, tudo paralize, aí pela volta das duas horas da tarde. Em Inglaterra, segundo creio, a paralização foi por espaço de dois minutos; na nossa, para se fugir á regra, será durante cinco...

De harmonia com a sábia ordenação dos nossos pastores, os rebanhos das fábricas e das oficinas, durante cinco minutos, deixarão as suas ferramentas, com a condição expressa de não puderem fumar um cigarro. Os eléctricos não aterrarão o público com as chamas da sua *variose* constante. As sirenes dos autos dos assambarcadores e do governo civil conterão os seus silvos estridentes no invólucro das suas borrachas ou no canudo das suas serpentes. O militar ficará perfeitamente estatueado em qualquer sítio onde se encontre. O viandante deterá o passo, tirará o chapéu e olhará contritamente para os altos céus. Os burocratas, civis ou militares, os que não fazem nada, enfim, ainda não se sabe como hão-de proceder. Sendo preciso, alterar-se-hão as condições inatas dos indivíduos para, naquela altura, se suprirem as próprias necessidades físicas. E se não mandam parar o Sol nos seus rutilantes domínios, é porque os modernos Moisés da decadente política perderam o seu prestígio perante os deuses da Omnipotência. Motivo porque os pássaros chilrearão, as pombas distenderão as asas e as flores crescerão aromáticas — indiferentes a toda a comédia humana.

¿Mas quem será, afinal, o *desconhecido*? Segundo a *filosofia* oficial, é a glória da Pátria, o orgulho da Raça, o sacrifício ingente pela Liberdade, pela Civilização e pelo Progresso do País. Avaliando, porém, os factos pelo seu verdadeiro prisma, pelo lado da verdadeira filosofia, o *desconhecido* é a massa anónima, o miserável, o rótico, o faminto, o que labuta insanamente para os detentores do poder e da produção alheia. É a eterna besta que suporta a pesada albarda das escamoteações e dos tributos.

Um dia estava o *desconhecido* a cuidar da sua mãe, do seu pai, da sua noiva, da sua esposa, dos seus filhos — ignorando tudo quanto se passava nas chancelarias secretas, desconhecendo a política da necessidade da conquista de novos mercados para a intensificação da hegemonia dos Estados rivais e não se apercebendo dos maneios dos financeiros da alta industria — especialmente da metalúrgica, das fábricas de armamento — e do alto comércio. E quando mais enlevado estava a pensar no pão dos seus, uma ordem dos que venderam carne portuguesa para o canhão guerreiro, tira-o do campo, da oficina, da fábrica, da mina e do lar, e, sem a sua opinião ser consultada, a vêr se estava conforme com o *costinho* secretamente, entregou-o á hecatombe europeia, a combater aqueles que jámais viu.

Enquanto o *desconhecido*, que partira contrariado e com os olhos marejados de lágrimas a lembrar-se dos que lhe eram caros, dava a vida em holocausto a uma causa que lhe não pertencia — na sua pátria, na sua terra, no seu torrão, uma quadrilha de traficantes, de videirinhos e de madraceiros que ficou de palanque, muito patrioticamente ia — e vai — especulando com a situação que os guerristas criaram, assassinando, pela fome, a família abandonada dos que foram — num tenebroso *pendant* de sofrimentos idênticos. Um, esfarrapava a sua alma e o corpo nos campos da Flandres, enquanto a outra — a quadrilha — construía, á custa da miséria nacional, fabulosas fortunas a atopulharem os cofres.

Pois são os que mais contribuíram para a ruína dum povo e os que mais têm aproveitado com o durante e o após da guerra — desde o ministro ao mercieiro, do industrial ao senhoria, que vão, nos ossos do *desconhecido*, glorificar esse mesmo povo, sob o eufemismo de Pátria e de República — para não dizerem que vão glorificar os seus bons negócios...

Pobre *desconhecido*! Incensante, presta-te homenagem, porque não passas duns restos mortais que não precisam de alimentação nem de conforto. Porque os *desconhecidos* vivos, esses, coitados, debatem-se com a fome e a tuberculose, a pedir esmolas... completamente esquecidos — em nome da Liberdade, da Civilização e do Progresso que foram defender a terras estranhas...

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

## MISÉRIA E REVOLUÇÃO

«Está-se melhor, quando se está peor» — é uma frase vulgar na boca de muita gente de ideias novas. Parece-nos, porém, um erro afirmar que o excesso de miséria acaba por provocar a revolução consciente.

A questão é na sua base um

### PROBLEMA DE FIOLOGIA

Encarada sob este aspecto, a solução está achada. A mente é só num corpo são, diziam os antigos; e a ciência moderna o confirma.

Os órgãos influem-se mutuamente. As condições do pensamento dependem das condições gerais do organismo. A miséria enfraquece ao mesmo tempo o braço e a inteligência. O homem pensa como come.

Tudo o sofrimento provoca á principio uma reacção; mas prolongando-se, o homem acaba por habituar-se. A acção duradoura e gradual da miséria traz a depressão mental, o desânimo, a abdicção da dignidade (dr. Pierrot).

Mas, pela observação quotidiana dos factos e pela história, vejamos se o que é individualmente (fisiologicamente) verdade, o é também socialmente.

### OBSERVAÇÃO QUOTIDIANA

A crítica socialista, especialmente, tem chamado a atenção para os frutos constantemente observados da miséria, como o alcoolismo, a tuberculose, as epidemias, etc.

Quem sabe vêr atentamente o que se passa á sua volta, nota só que miséria e alcoolismo costumam juntar-se, mas que só a primeira, ou os dois males, fornecem o maior contingente dos traidores nas greves, dos espias, dos policiaes.

Quando particularmente, o operário se vê cercado de família na necessidade, o servilismo entra-lhe no sangue. Curva-se humildemente, aceita todos os ossos; a miséria extrema exerce uma influência depressivamente sobre as energias. O mendigo é um triste documento dessa influência.

Huxley perguntou um dia a um policia magro e debil como podia conter tantos miseráveis como os dos bairros de Liverpool, e o policia respondeu: «Esse pobres diabos já estão meio ruidos pela doença e pelo alcool».

Na Itália como em toda a parte, os propagandistas sabem como o socialismo abre facilmente caminho entre as populações miseráveis. Isto observa-se comparando nações, comparando regiões do mesmo país, e certas camadas da mesma cidade.

### EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

Falando do cristianismo o dr. Romeu Manzoni diz no seu belo opúsculo — «O padre na história da humanidade» que a religião de Constantino, de humildade triunfou graças aos escravos, não porque pregasse em favor d'elles, mas porque d'elles eram infolzes, doentes, deprimidos, excitáveis. Por isso é que todas as religiões recomendam o jejum.

Thorold Rogers, na sua «Interpretação económica da his-

tória», cita vários factos em apoio desta tese, entre elles a guerra dos camponeses de Inglaterra, que estalou durante um periodo de barateza e de salários remuneradores.

Malatesta, escrevendo acerca dos tristes cortejos de desocupados de Londres, exclamava: «É a miséria que sufocando todo sentimento humano reduz o homem ao estado de besta esfomeada e medrosa; a miséria que embrutece sem ao menos dar vontade de morder e escocear».

### AS REVOLTAS DA FOME

As revoltas da fome (às vezes nem destas são possíveis) são como o colce da alimária. São instintivas: acalmam-se com uma sova de pau e um feixe de erva. Quando triunfam, são úteis sobretudo aos especuladores ou ás classes preparadas.

Diz o citado Thorold Rogers: «As forças conservadoras da sociedade triunfam facilmente dos impetos de desespero; sirvam de exemplo: a Jacquerie em França e a guerra dos camponeses na Alemanha».

Não há muitos anos, o governo italiano, com um pouco de chumbo e uma distribuição de pão, aquietou facilmente os sublevados da Sicilia, de todo o sul.

### CAUSAS DE EQUÍVOCO

As agitações crónicas, profundamente radicadas na tradição, são ás vezes mais fortes que a miséria. É o que diz Thorold Rogers: «É inútil tentar provocar uma revolução social se as classes que se deseja arrastar não gozam já dum certo bem-estar. Falo, bem entendido, das tentativas dum proselitismo novo, nunca de agitações seculares.»

Mas mesmo essas agitações vão cedendo gradualmente sob a acção da miséria prolongada.

Nos indivíduos como nas sociedades, succede que «a excitação brusca produz uma reacção, a principio intensa, que diminui pouco a pouco, apesar da permanência da excitação...» Passado o primeiro momento, o homem habitua-se ao seu novo estado, adapta-se (dr. Pierrot).

É essa mudança brusca para peor que provoca a revolta, cuja causa parece ser a miséria. Se as excitações bruscas (vexações, prepotências, etc.) são repetidas e frequentes, a revolta é mais facil.

Mas essas revoltas só dão o que está nas consciências, preparado pela propaganda (actos e palavras) tanto mais difficil quanto maior for a miséria.

Outra causa de equívoco é que o bem-estar, o «privilegio assegurado» faz conservadores. Mas então o que estimula a revolta é a incerteza, a instabilidade, a queda, não a acção da miséria.

### OS REVOLUCIONÁRIOS

A sociedade não está rigorosamente dividida em classes impenetráveis e incommunicáveis. O contacto de meios e civilizações diferentes, as comunicações entre povos, classes, ambientes dissimilhanes, as mudanças de situação, subidas e

## UM PROTESTO DOS SÁBIOS RUSSOS

O *Trud*, órgão dos Conselhos de Sindicatos de Petrogrado, publica o seguinte protesto do professor N. Kamenshtihkov contra o bloqueio intelectual inflingido á Rússia pela *Entente*:

«Se as descobertas que se tem feito no dominio das sciencias sociais parecem perigosas aos Aliados e capazes de infestar a Europa de bolxevismo, nós preguntamos aos mesmos Aliados: — ¿em que é que as descobertas dos astrónomos, dos matemáticos, dos físicos, dos meteorologistas, dos químicos e dos outros sábios podem prejudicar a civilização europeia? ¿Porque é que nos proibem que submetamos ao exame do resto do mundo as descobertas de importância internacional que tem feito os nossos sábios? ¿Porque é que não nos remetem os instrumentos e acessórios científicos que nós lhes encomendamos, muito antes do bloqueio? Enfim, ¿porque é que a *Entente*, que acusa a Rússia dos Sovietes de violadora das leis internacionais, viola também as decisões dos congressos internacionais da sciencia que pedem a continuação das relações científicas e uma troca completa dos resultados obtidos pela sciencia em todos os países do mundo? Ora a *Entente* opõe-se a que entrem na Rússia todas as revistas, todos os livros, todos os boletins e todos os relatórios científicos.

Para dar uma idea dos prejuizos que esse estúpido bloqueio causa á sciencia, aqui vão alguns factos edificantes:

No dia 1 de Setembro de 1919, o sábio Selivanov descobriu um novo cometa na constelação de Cefeo. No dia 3 enviou, pela estação radiotelegráfica de Tsarkóé-Selo, um comunicado ao mundo inteiro, em russo, em alemão, em francês e em inglês. Não sabemos se a censura da *Entente* deixou passar esta mensagem, como não sabemos se o cometa em questão foi observado por outros astrónomos.

Durante o último movimento do planeta Marte, em 1920, o observatório de Plukov descobriu, no dia 9 de Maio, uma nuvem cerrada que circundava esse planeta. A nuvem era tam espessa que encobriu todas as particularidades geralmente visíveis. A nosso ver, a nuvem indicava uma violenta tempestade que se tinha desencadeado sobre Marte.

No mesmo observatório, o nosso célebre astro-físico, Kosdinski, conseguiu, pela primeira vez na história científica, tirar uma fotografia dos satélites de Urano. Este facto é duma grande importância, porque, doravante, servirá de base para todas as verificações do movimento dos satélites dos planetas.

A estação sismográfica da nossa academia de sciencias, registou, no dia 5 de Junho, um tremor de terra em Alaska e no norte do Japão. Desta forma, os nossos sismógrafos romperam o bloqueio, registando um facto que se passou a milhares de léguas de distancia!...

Antes do bloqueio, o observatório de Plukov fez á Inglaterra uma grande encomenda de aparelhos astronómicos. Essea aparelhos chegaram a ser levados para bordo dum navio, a fim de nos serem entregues; mas os imperialistas ingleses, civilizados e progressivos, mandaram-nos desembarcar e ficaram com elles.

Para este ano de 1921, os nossos observatórios possuem apenas um anuário. O ano passado tinhamos dois para toda a Rússia: um em Plukov e outro em Moscóvia. O observatório de Kazan viu-se na necessidade de copiar um desses anuários — um volume de 500 páginas!

Destarte, somos obrigados a restringir os nossos trabalhos de observação: falta-nos tudo, até as chapas fotográficas. Com isso, perderá muito a fotografia astronómica. Mas os aliados querem assim... Também seremos forçados a paralisar os nossos sismógrafos, o que é pena, visto que possuímos alguns aparelhos que se podem contar entre os mais sensíveis do mundo.

Sempre ouvimos dizer que a sciencia não tinha pátria. Pela moderna teoria dos aliados, vê-se, porém, que se modificou essa verdade: os sábios tem de dizer com elles, senão... senão não são sábios!

Seja tudo pelo amor da *Civilizassão*, do *Dereitto* e da *Justiça* dos capitalistas!

O que nos admira, é os sábios do Ocidente não protestarem contra a infâmia. Adaptar-se-iam ao meio, fazendo da sua sciencia um negócio?...

quedas duma classe noutra, todo esse movimento que agita a sociedade, oferece fecundo terreno para a revolução.

Mas para que brote o espirito revolucionário, é necessário que haja a sensação viva do sofrimento, o sentimento da injustiça, a consciencia da situação.

Esta consciencia é dada pela propaganda, que na miséria encontra o maior obstáculo. A propaganda faz-se pela palavra e pelo exemplo. O facto colectivo, como a greve, é dos melhores. Como vimos, a agitação continua chega a triunfar da miséria; eis porque, mesmo derrotadas, as greves mantem o espirito de revolta e exercitam na luta, no antagonismo de classe. É uma insurreição económica parcial que prepara

a revolução essencialmente económica. Todas as revoluções foram precedidas de insurreições parciais: assim a francesa.

A propaganda, desse modo, prepara as consciencias para as mudanças bruscas, e torna intoleravel o sofrimento.

Para que uma reforma não produza conservadores, é necessário ainda demonstrar sempre que ela é transitoria e que urge mudar a sociedade em suas bases; assim não se gira num círculo vicioso de reformas mil vezes perdidas e reconquistadas, e cada melhora-mento effectivo prepara, pelo contrário, a revolução.

Miséria e revolução contradizem-se; se é revolucionária a miséria, porque não se fez ainda a revolução?

## CARTA DE FRANÇA

Parece-nos que a França operária está completamente perdida. Os renegados constituem legião; e, alguns deles, ainda conseguem representar a classe proletária!

Que, para se defender, a burguesia degenerada colocasse à sua frente seres duma moralidade discutível, tais como, Millerand, Briand, etc., isso não podia senão alegrar-nos, porque nos vinha comprovar até que grau baixíssimo essa burguesia tinha descido; mas que os operários permitam, depois do fracasso da paz, que os Jouhaux, os Dumoulin, os Merheim, etc., etc., os orientem e dirijam, isso é que nos entristece. E entristece-nos, porque, defendendo agora essas criaturas o que combateram antes de 1914, não vemos razão plausível para os operários os seguirem como carneiros...

\* \* \*

A pesar da França não ser um país de relativa liberdade — e não dizem os «grandes liberdades» como afirmaram, em 1914, dois pseudo-anarquistas que a não conheciam, que nunca estiveram cá e que nem sequer conheciam o idioma — deu-se aqui um caso que honra sobremaneira o velho liberalismo.

Os leitores recordam-se, decerto, da greve dos ferroviários, greve que tinha por principal objectivo reclamar a nacionalização dos caminhos de ferro e que foi proclamada para o dia 1.º de Maio de 1920.

Devemos declarar que aquela nacionalização, inventada por Jouhaux, era muito diferente da verdadeira nacionalização concebida e propagandeada pelos sindicalistas e anarquistas. Ora vejamos: uma vez tornada realidade, na administração dos caminhos de ferro tomariam parte, não só as comissões dos operários, como as comissões do povo e as dos viajantes! É verdade que nós desconhecemos como funcionariam harmonicamente estas comissões; e, provavelmente, o seu inventor também não saberá mais do que nós.

O que sabemos, porém, é que aquela greve foi um laço que os reformistas armaram aos revolucionários que se deixaram apanhar. Alguns meses antes da declaração da greve, Bidegaray, secretário geral dos ferroviários, fez inúmeras declarações que assustaram a imprensa capitalista. E nós, com franqueza, chegamos a supor que o dia 1.º de Maio de 1920 seria o último dia do regime burguês em França.

A seguir, realiza-se o congresso, e Bidegaray e os seus companheiros reformistas são substituídos por elementos mais avançados, os quais, cumprindo à risca as resoluções do Congresso, declararam a greve.

Millerand entra, então, em scena, mandando prender, não os directores da greve, porque ele sabia que o Comité Central a levaria a um fracasso, mas os elementos mais revolucionários dos ferroviários, bem como elementos doutas classes que nada tinham com a greve. Depois, tratou de inventar um *complot* «contra a segurança do Estado»!

Terminada a greve por uma vergonhosa derrota — da qual não podem ser responsáveis os ferroviários revolucionários que estavam presos, e que só cometeram o erro de cair no laço que lhe armaram os reformistas — os ferroviários detidos foram postos em liberdade, sendo apenas processado um e mais nove indivíduos pertencentes a outras profissões. Os seus advogados reclamaram várias vezes a liberdade condicional dessas vítimas; porém, os verdugos negaram-lha sempre.

Por fim, volvidos dez meses, os juizes decidiram-se a justificar a injustiça, condenando-os. O juri, contudo, era constituído por criaturas que

ainda não estavam pervertidas; assim, não só demonstraram que os juizes não são justiceiros, mas que o próprio Clemenceau foi e é um inimigo da liberdade.

E com efeito. O juri reconheceu os detidos como inocentes. E, após esse reconhecimento, redigiu uma carta colectiva ao governo, convidando-o a estabelecer e a garantir as liberdades individuais que Clemenceau suprimiu em 1904.

Este juri, reconhecendo também uma infâmia no *complot* inventado por Millerand — o renegado e honrado Millerand que se fez milionário com a liquidação dos bens das congregações religiosas — não só fez um acto de pura justiça, pondo os detidos em liberdade, como praticou uma obra essencialmente humana, protestando contra as arbitrariedades do governo e exigindo-lhe o restabelecimento das liberdades e garantias individuais.

Ainda ao menos, que nem tudo é lama...

\* \* \*

Sebastião Faure foi preso «por questões de moralidade». Esta é a nota officiosa que a polícia forneceu à imprensa. Mas, a realidade, é que Sebastião Faure é um anarquista dos mais dignos e dos mais inteligentes.

Pelo mesmo delito, já Sebastião Faure foi preso há tempos, sendo condenado. Disse pelo mesmo delito: não é verdade — foi pelo mesmo pretexto.

A polícia, de acordo com uma mulher de «má nota», organizou assim o *complot*: passando Sebastião Faure por uma das ruas de Paris, a citada mulher colocou-se ao lado dele, e, num dado momento, começou a gritar que nem um possesso. A polícia, que os seguia a curta distância, lançou-se sobre eles e prendeu-os. A mulher foi mandada em paz; Sebastião Faure ficou preso. Depois os juizes condenaram-no! Veremos o que lhe sucederá agora.

\* \* \*

Do que sucede em Espanha já deveis estar informados pelos jornais que vos tenho remetido.

Eu tenho recebido aqui vários números de *La Libertad* e *Correspondencia de España*, não sabendo quem vos envia. Agradeço a amabilidade, visto que sempre os aproveito para escrever qualquer coisa para os nossos jornais.

\* \* \*

Pedro Mateu — um dos justicadores de Dato, o moderno Torquemada, que segundo *Le Petit Parisien*, fez muito pelos operários hespanhoes, prendendo-os, deportando-os e assassinando-os pelas ruas e praças públicas — foi preso, tornando a polícia louca de alegria. Por uma fotografia que pude contemplar no *Mundo Gráfico*, e por umas declarações que li na *Libertad*, na *Correspondencia de España* e no *El Sol*, Pedro Mateu é um homem convencido. E é pena que um homem ainda jovem, são e inteligente, tenha sacrificado a sua vida por uma figura podre e gangrenada do corpo e da alma.

Conquanto um atentado, sem ser seguido duma revolução triunfante ou não, não tinha grande valor, visto que aumenta as dores nas famílias operárias, devemos convir que a morte de Dato só pôde ser chorada por hipócritas e canalhas. Se ele tivesse sido executado há anos, quantas dores e quantas lágrimas se não seriam evitadas!

Mas as coisas são o que são... \* \* \*

Um camarada, com o qual mantenho relações quase diárias desde 1909, escreve-me da Carcel Modelo, de Madrid, dizendo-me que foi preso a quando da ida dos reis da Bélgica a essa capital. A sua prisão efectuou-se às três horas da ma-

## A COMUNA

A convite do grupo republicano A Nau Catrineta, effectuou-se, a 26, uma conferência, pelas 21 horas, e subordinada ao tema — *A Comuna*, o nosso camarada Cristiano de Carvalho. Feita a praxe nática apresentação por um membro do referido grupo, o conferente principiou por dizer que, à primeira vista e aos olhos dos espiritos sectários, parecia deslocado do seu lugar, calado numa flagrante contradição em consequência da tese que vai desenvolver; no entanto, essa tese interessa a todos quantos se encontram presentes, num momento em que se entrecruzam as ideias mais libertárias com os princípios mais retrógrados. A Comuna de Paris caracteriza essas duas correntes, tanto no seu idealismo, como nas suas consequências. Conviém olhar retrospectivamente para os acontecimentos anteriores à data de 18 de Março.

Esmiuçando-se em diferentes pormenores históricos, o nosso amigo vem dar ao célebre golpe de Estado de Napoleão III, o principio-presidente, baseado no principio de todos os golpes orientados na fórmula militarista. Depois de se referir ao golpe de Estado de 2 de novembro e ao terrível, afirma, com argumentação irrefragável, que se não fossem os robespierristas, os Cabets e os Buonarotis, o trono já jamais baquearia. Falando de Babeuf, das suas teorias revolucionárias e dos sacrificios dos seus partidários, salienta a incapacidade dos tribunais para os condenar, por lhes faltar a devida moralidade. Então que começa Thiers a revelar-se nessa fase histórica, precisamente quando o proletariado de Paris manifestava as suas tendências para o verdadeiro progresso das ideias. Thiers, vendo o perigo desta explosão ideal, aparece a defender as classes dominantes, fazendo toda a sorte de macaqueações quando, fechadas as oficinas nacionais, o povo reclamava o cumprimento das promessas feitas. A reacção não quiz ouvir os protestos, as queixas e as reclamações da multidão proletária arremessada violentamente para a *chômage*, e daí as repressões. Quando surgiu o golpe de Estado, Thiers, que estava manchado do sangue de outras prepotências, desfez-se em considerações para o príncipe-presidente, prontificando-se a dirigir uma matança.

Aludiu, a seguir, ao conciliabulo de Roma, de onde saiu o *Syllabus* de Pio IX, e ao protesto do abade de Artois, que, representando a igreja galicana, defendeu todas as regalias da igreja francesa, apesar desta não o aplaudir. Historiando as manigancias de Napoleão III, que provocaram a guerra de 70 depois de Lebeuf, embôfiamente, declarou que ao exército francês não faltava um único botão — querendo assim demonstrar que ele estava apto a conquistar o mundo inteiro — esclarece a covardia dos generais que, fugindo diante dos prussianos, vinham depois massassar o povo, para o que não era preciso grande estratégia. As resultantes, após o cerco dos 7 meses, os sacrificios do operariado, a fome, as traições, etc., trouxeram a Comuna, num momento em que a população heroica, cheia de privações e de dôres, se indignou por saber que em Bordeaux se transigia, pois a reacção desejou a todo o transe a paz, a todo o preço. É certo que a França rural estava farta de sofrimentos e de devastações; porém, por detrás de tudo isto, estava um outro objectivo: o terminar com a revolução de Paris.

Dissertou sobre a guarda nacional que, por assim dizer, foi constituída por elementos populares, visto que os ricos, na hora do perigo, desertaram para o estrangeiro, para a Suíça, a fim de gosarem, cómodamente, o usufruto dos seus rendimentos, enquanto na assembleia nacional se preparava a restauração monárquica e a decapitação de Paris. Thiers, em face dos acontecimentos, e sempre arvorado em procurador da reacção, pretende tornar effectivo o predomínio do clero, para que termine, duma vez para sempre, a demagogia, os socialistas, que queriam a igualdade e a fraternidade, reformando o ensino para que se diga à criança que no mundo sempre há-de haver uma pequena parte com direitos a todos os gosos e a maioria predestinada ao sofrimento e à miséria. Mas o povo de Paris compreende duma forma admirável a preparação da monarquia; e, cioso do seu republicanismo avançado, prepara-se para a defesa. Cita a história dos 400 canhões da guarda nacional e a vontade de Thiers para que se não tornasse aquela massa da guarda apta a combater; o raciocínio de Trocheau, que sabia que a guarda nacional era suficiente para fazer frente aos prussianos, e a sua proclamação para que se orasse a Santa Geneveva, a fim de que saíssem vitoriosas as armas francesas; as eleições de fevereiro e a constituição das federações da guarda nacional. Thiers viu nestas federações as antigas secções dos operários, motivo por que, prevendo o perigo eminente para a reacção que encarnava, tratou de as aniquilar.

O conferente abordou, a seguir, interessantes factos históricos que deram origem á occupação dos alemães, conforme a letra do vergonhoso tratado de paz, duma parte de Paris; o parque ameaçado onde estavam os 400 canhões da guarda republicana, perdão! da guarda nacional e o esforço estóico, o sacrificio extraordinariamente ingente, das mulheres, que a braço levaram as referidas peças para Montmartre, salvando-as duma possível escarmoteação. Thiers, que cada vez mais ia denunciando o seu retrogradismo e a sua sede de sangue, premeditava na sombra o assalto de bandido, conseguindo um general á sua imagem, com idênticos ruins instintos. O dia 18 de Março fôra o escolhido para a realização do massacre. Mas o povo de Paris viu no injustificado movimento de tropas, que se estava fazendo traiçoeiramente, a perpetração dum crime monstruoso, e correu ás fileiras. Felizmente, as tropas de linha

nhã, pelas autoridades militares, não os conhecia. E como elle dissesse que conhecia uns e outros, não, ameaçaram-no de morte, caso elle não os conhecesse todos!!!

Vendo o preso que o criaturo que lhe tomava declaração não pescava nada do que estava a fazer, fez-lhe umas ligeiras observações. Tanto bastou para que escrevinhador o ameaçasse, dizendo-lhe ao mesmo tempo que era um ex-comandante e que já tinha exercido as funções de juiz, até em processos sumariíssimos!

Em conclusão: como isto não ficara por aqui, teremos que voltar ao assunto, talvez mais cedo que os nossos desejos.

Paris, 20 — III — 921.

AMOROMA.

confraternizaram com o operariado, e desta feita, o general e Thiers perderam a partida...

Houve, no entanto, um erro grave: o operariado e a guarda nacional deviam procurar deter o governo e seus apañiguados na sua retirada para Versalhes, evitando-se a carnificina que mais tarde se desenrolou. Desgraçadamente não o fizeram.

O facto de Thiers ordenar o pagamento das letras vencidas e dos alugueis em atraso, justamente áquelles que fugiram covardemente na hora do perigo — não sofrendo, portanto, os horrores do cerco — causou uma explosão de cólera no povo parisiense: Thiers salvaguardava, encarniçadamente, os interesses dos reaccionários traidores. Como logica consequência, saiu, das eleições, a Comuna. A sua maioria era composta pelos jacobinos históricos e pelos blanquistas; os socialistas da Internacional constituíam a sua minoria.

Pela primeira vez, entrava em acção, no governo, o elemento popular. Os mais audaciosos eram os jacobinos e os blanquistas, quando o deviam ser os socialistas internacionalistas. Foi um grande erro. É certo que os socialistas estavam imbuidos das mais belas idéas de fraternidade e humanismo, mas quando se está em presença das mais tenebrosas maquinações do inimigo, deve-se olhar mais ao perigo e ser-se menos sentimentalista. Lecluse era a figura primordial dos jacobinos e morrera numa barricada, como Robespierre na Convenção, por não querer sacrificar os seus princípios.

Aproveitando-se das dissensões dos membros da Comuna, Thiers ia armando as suas hostes. O fuzilamento do guarda nacional trouxe a ideia dos reféns, detendo, entre outros, o abade d'Artois, para que Thiers, em troca, restituísse Blanqui ao convívio dos revolucionários, onde gosava uma imensa simpatia. Mas Thiers, antevendo o perigo que acarretaria a liberdade de Blanqui, pois iria, certamente, pôr toda a sua intelligência e prestigio ao serviço da Revolução, fica mudo e quedo. D'Artois envia uma carta a Thiers, aconselhando a aceitação das propostas apresentadas pelos revolucionários, pois era provável que Blanqui estabelecesse uma plataforma para um possível accordo entre uns e outros. Cristiano de Carvalho referiu-se depois á missão que foi junto de Thiers devido ao que fica exposto, e ás hipocrisias bolsadas na resposta, tentando mascarar o seu sentir a respeito d'Artois, a quem não lhe perdoava o seu protesto contra o *Syllabus*. Assim, foi Thiers quem o assassinou, por assim dizer, no momento do massacre.

As liberdades rudimentares dos nossos dias devem-se á Comuna, á acção da minoria socialista, que nunca descurou a produção e o consumo, melhorando-os, sem, contudo, o povo deixar de acorrer aos baluartes. Hoje, é de Paris, a cidade ideal, a cidade da luz, a cidade do Sol, que irradiava a reacção para todo o mundo; é de Paris, onde punhamos os nossos olhos de sonhadores que saem todos os manejos contra a Rússia, a respeito da qual o espirito público se encontra deturpado, mercê das falsas e tendenciosas notícias fornecidas pelas Havas e pela Rádio; é de Paris que sai toda a conspiração integralista, essa estúpida mancha que torna uma mocidade ridícula e *snob*, facto que entre nós está succedendo; é de Paris que partem todos os atentados, não só contra as ideias socialistas e comunistas, o que não era para admirar, mas contra os próprios princípios republicanos. Tanto assim, que um general francês é obrigado a abandonar o seu país e a internar-se na Suíça por denunciar a acção reaccionária do seu governo. Um outro exemplo comprovativo desta asserção está no gesto de Clemenceau — esse velho republicano que durante a Comuna se havia portado menos mal — que não teve prezo de pactuar com um representante — o cond. B. Bach — duma nação inimiga — a Alemanha — para conseguir a contra-revolução russa, reimplando a monarquia! É o egoísmo de classe a operar...

Depois do nosso camarada desmascarar os falsos republicanos transformados em açambarcadores e outras situações sanguessugas, refere-se á acção da minoria socialista da Comuna. Foi essa minoria socialista que estabeleceu o ensino obrigatório, quando em Portugal, com onze anos de República, ainda tal e não conseguiu; foi essa minoria socialista que socializou as indústrias; foi essa minoria socialista que aboliu o serviço nocturno dos padeiros; foi essa minoria socialista que catalogou os museus; foi essa minoria socialista que deu o melhor dos seus homens em defesa de Paris; foi essa minoria socialista que tentou evitar a sangrenta premeditada por Thiers, procurando entender-se com Vnióis. Porém, Thiers havia ordenado ao general que fosse devagar, calculadamente, pois que se tornava indispensável é que a *chacina* se effectuasse inexoravelmente, para que a *horda de bandidos* que se apoderára de Paris fosse para todo o sempre varrida da superfície da terra. A matança consumou-se, o sangue das vítimas inundou as ruas de Paris e salpicou os muros de Père Lachaise, e Thiers ficou impante de glória sobre o seu pedestal edificado de ossadas e lama.

Thiers ganhou, mas a França perdeu, porque os fugitivos ao hediondo massacre levaram consigo o segredo das indústrias francesas, que até ali não eram conhecidas nos outros países. Mais tarde, na exposição internacional de 1878, elas apareceram sob o rotulo de outras nacionalidades.

O conferente, salientando a grande transformação social que se vai realizando na Rússia, afirma que apesar de tudo não se deixa influenciar totalmente por essa Revolução. Deseja-a mais intensa e extensa no significado libertário. Quanto menos possibilidades centralizadoras, melhor será para a humanidade. A medida que o Estado mais fôr perdendo a sua acção centralista e subjugadora, mais o valor produtivo se accentuará, posto que o campo das iniciativas estará amplamente aberto a todas as vontades. É industrial, mas nunca exerceu coacção sobre os seus cooperadores, resultando disso uma certa metodização, onde elle apenas é um simples regulador. Tornada extensiva a toda uma sociedade produtora bem organizada esta forma de proceder, os resultados seriam fecundíssimos. A Revolução Russa domina-o em parte por ela representar o primeiro passo para a verdadeira Felicidade Futura, sendo admirável o carinho que ella tem delicado ao ensino, transformando profissional, moral e intellectualmente toda uma geração.

Depois de se referir ao jesuitismo que impera nas nossas escolas primárias e á insulciencia do ensino primário e liceal, afirma que é a obra da Comuna que ainda hoje predomina: as ideias de liberdade e de progresso veem da Comuna, como desses tempos veem ainda, dos exemplos da nefasta acção de Thiers, todos os manejos da reacção de Paris em defesa do seu predomínio de classe. É por isso que Millerand, que outrora exalçou os homens da Comuna, antigo socialista e propagandista da greve geral, e hoje presidente da República, proibiu este ano a rotação aos vencidos da Comuna, que, apesar de tudo, foi imponente...

Cristiano de Carvalho foi aplaudidissimo por toda a assistência, que recebeu uma bella lição e que desejariamos que assimilasse e seguisse as ideias libertárias expndidas na conferência.

ARTE & ARTISTAS
O SUICÍDIO DO CLARIM

O suicida de ontem é-me simpático. É um clarim de artilharia, porte exemplar, ao que me disseram os oficiais do regimento, e que um drama mudo, misteriosamente sofrido durante bastos meses, na grossa existência da caserna, impelinha afinal à sepultura, táboa negra de todos os desenvolvimentos, desfôrço único dos miseráveis sem sorte e dos sequiosos sem dia de amanhã. Um amigo meu, oficial de artilharia, de quem o suicida foi subalterno, acaba de me visionar um pouco a existência d'esse pária, e de me abrir o coração à dose de infortúnio árido e de nobre orgulho ferido que foram as exclusivas causas da catástrofe.

O clarim de artilharia 1 tinha a educação superior para um destino melhor do que trombetear na testa das baterias. Acharam-lhe na caixa um retrato da mãe, tendo-o pequeno ainda, entre os joelhos, vestido como um príncipe, e de informações dispersas se apron que recebera em colégios principis de cultura afinentes a lhe ganhar na vida uma occupação intelligente. Até assentar praça, pouco ou nada se sabe da sua vida. Mas é fácil reconstruir por acasos similares, a matilha de desastres que o arrastaram dos bancos do colégio à enxerxa da tarimba. Morrer-lhe-ia talvez a mãe, haveria perdido talvez nos anos de liceu, e miséria agravada, falta de coragem súbita vertendo a alguma resolução treveloncada e irremediável... eis aí factores de mais para exoliciar as metamorfoses do premeditado futuro bacharel, em corneteiro. Vai a caserna, que arrebenha o camponio em promiscuidades fétidas, e apaga o indivíduo por detrás dum número, razoando o carácter de todos sob os rigores da mesma obediência passiva e magninal: a caserna, ao apahnar este filho amimado, alvoroçou-o no fundo da sua delicadeza, chocando-o com tôdas as suas brutalidades soezes, e violando-lhe o pudor com todos os seus egoísmos de casa de malta e cucaria.

Manhã na parada, dias inteiros de marcha sob a chuva e calor, por caminhos pedregosos, a subjeição de besta de carga que amesquinha o brio humano, a monotonia automática da mesma existência sem horizontes, nem sorriso, nem dinheiro, nem refrigério, tudo isto que o insensível homem do campo suporta sem mór depressão na dignidade e na saúde, tudo isto esse pobre clarim haveria pago, durante os meses que vestiu farda, numa dolorosa moeda de sensibilidade contusa, de orgulho morto, e de incompreendida nostalgia.

Ela entreteranto é dócil, sofre sem queixa, fazendo por se interessar nas brincadeiras dos camaradas, ás horas de folga, fazendo por não deixar ver aos superiores a sua história de alma expulsa do convívio intellectual p'ra que nascera; e correcto sempre, um pouco triste,

mas infinitamente resignado a não das missões do homem intelligente — à obediência incondicional, de cara imóvel, e bico calado!

No chiqueiro da tarimba, a sua vida guarda ainda assim hábitos de casta superior, que o defendem dum resvalo formal ao embrutecimento. Na sua caixa, por exemplo, há livros de anlas, romances que os sargentos lhe emprestavam, pequenas brochuras de propaganda política que o iniciavam, difusamente embora, em certas engronagens de máquina social...

O que mais me inquieta neste anónimo, cujo fim trágico a enriedade lisboeta repastou, entra dois cigarros, é a minha suspeita d'ele ser um tipo de declassé, de espécie rara e nobilissima, um dâstes seres inteiros, contempladores, cuja presentida intelligência dá maravilhas, se desviada dos caminhos lúbragos por onde o desalento desta se perdeu. Quem sabe! Este clarim de artilharia, que com o número pouco avançado a mais dum caso de romantismo interessante, é certamente o delegado duma classe numerosa de tristes rapazes válidos e inteligentes, cheios de qualidades e de ardores, mas desprotegidos de todos: do Estado que lhes não facilita a educação, da filantropia particular que não sai à rua a recolha das adolescências que por aí erram sem gnia, à mercê da primeira tentação que as engolfa no crime ou no embrutecimento.

Quando recordo a minha própria história de escolar desprotegido, quando deito a minha benção à corajosa agonia que tive de sustentar, anos e anos, através de amarguras sem conta, entre o egoísmo de todos e o rancor da maior parte, primeiro que viesse a topar assim na vida, uma estrada sem encruzilhadas nem bastas feras, dessa cruciante evocação vem tantas mágnas, que o meu desejo fôra espargir o que no coração ainda me resta de bondade, pelas desfalência dos incapazes de lutar, como em lute. Tôlas essas senhoras que se ajazeam de pedras nas quermesses, todos esses filantropos que a ronha dos dinastas agremia em congressos de beneficência e bandos precatórios, tôdas essas beatas e repatriados da América que cotidianamente avolumam a fortuna do Senhor de Matozinhos, do S. Jesus de Braga, e do Senhor dos Passos, em vez de perderem vaidade e tempo à procura de ministros para criar asilos e cantarolar lausperenes, poderiam, querendo, colaborar um pouco na verdadeira obra civilizadora e humanitária — a de pagar a educação dos rapazes nas circunstances do meu suicida, a de abrir praça ás muitas vocações que em nós se asfixiam, a proveito da caterva de nulos e de malandras que a política instala, à troche-moche, nos cargos públicos...

FILHO D'ALMEIDA

Terminou a farça

A Policia de Segurança do Estado, depois de perto de quatro semanas de violências injustificadas, restituiu à liberdade os camaradas que tinha detido, sob a accusação de terrificos complices em complots anarquistas e bolxevistas. Nada temos que agradecer o gesto daquela corporação, praticando uma tardia justiça.

Pelo contrario, se estivessemos num país onde a liberdade não andasse aos pontapés de qualquer patife, nós exigiriamos, não só em nome dessa mesma liberdade ultrajada, mas em nome da moralidade, que a policia desconfie o que seja, as responsabilidades devidas pela arbitrariedade cometida — indemnizando as vítimas do insulto e dos prejuizos sofridos.

Porque a P. S. E. na ansia de fazer serviço, apregoo aos quatro ventos que possuia quatro milhões de sacos de provas — que os guardava secretamente para as occasiões próprias — em como os seus catrafilados eram terríveis agentes de desordem. M. Ferreira Torres era um cadastrado, um antigo agente da Bandeira Vermelha e um trágico aconselhador de bombas; A. Costa Coelho era... era um furibundo bolxevista, que se preparava para deitar o País abaixo; os jovens sindicalistas uns atrevidos bombistas... que dinamitaram as igrejas para não sair a procissão em Leça da Palmeira; e A. Lufs de Carvalho o suposto inimigo do major Nogueira, que a policia, por engano, é claro, o passou desta para melhor... porque convinha à Carris desfazer-se dele, por razões que ela só compreende. Afinal, ao fim da incomunicabilidade de mais de duas semanas, do degrêdo de 48 horas e da prisão de muitos dias — a P. S. E. resolveu declarar que tudo era uma falsidade, um capricho, uma vingança, uma jesuitice, uma infame e, não tendo provas nehumas, manda para casa as vítimas, despronunciadas.

E depois digam que não temos razão quando afirmamos que tudo isto está a pedir vassoura...

Hum: a farça terminou... por agora...

Lêde e propagai

A COMUNA

NO PÓ DÓS ARQUIVOS

O QUE É O SECULO? Dois depoimentos

Agora que os trabalhadores dos jornais andam envolvidos numa luta tenaz, que dura ha mais de dois meses, contra a colligação das empresas exploradoras do jornalismo, não deixa de ser interessante e elucidativo trazer de novo a lume uns sueltos a respeito de O Seculo, que vimos publicados, ha já anos, nos jornais Diário da Manhã e A Batalha. Podia o juizo destes dois depoimentos ser temerário e porventura injusto... no momento que decorre, passados como vão alguns anos sobre a data em que se manifestaram aquellos jornais.

Para que assim fôsse, era necessário que O Seculo tivesse mudado de orientação e tomado uma linha de conduta que o impzesse.

Ora, se é certo que O Seculo mudou, se lo simplesmente para pior, sendo hoje, depois de ter descido os ultimos degraus da infâmia e da desvergonha, a eloqa mais fétida de todas quantas compõem o jornalismo burguês.

De A Batalha, de 6 de Maio de 1919:

O Seculo não tem uma opinião assente, um critério sua, uma orientação definida. Nunca conseguimos saber o que O Seculo pensa. Com os nossos leitores deve ter acontecido a mesma coisa. É natural, porque O Seculo pensa conforme a situação. Se estão os conservadores, mete o disco conservador, e ôle aí vem todo grave, sobre casaca preta, o ventra proeminente, discretar sobre o problema da O-dem. diz coisas sisudas acerca dos problemas sociais, da tradição, do espirito de continuidade, dos laços que nos prendem ao passado. Mas vem os democratistas o O Seculo põe um feltrosinho enverga o jaquetão, ata mesmo ao poscoço uma lavalière, mete o disco radical, e aí o temos, com entrevistas sobre o socialismo e a questão operária, afirmando que é necessário um vasto programa de reformas sociais, que o caminho é claramente para as esquerdas.

É assim devia ser, com o feito. O Seculo não é órgão dum partido ou duma determinada corrente de ideias. É uma

José Francisco

Encontrando-se gravemente enfermo e falto de recursos o nosso presado camarada José Francisco, operario sapateiro e antigo colaborador deste jornal, resolveu a administração de A COMUNA abrir nas suas columnas uma subscrição a favor deste prestimoso camarada que hem digno é da nossa solidariedade.

Os donativos podem ser entregues nesta administração, em R. S.anto Idefonso, 282 e em casa de Norberto T. de Carvalho, R. Fernandes Tomás.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Manuel Rocha - Africa, Norberto T. de Carvalho, Damião Castelo, José Alves, A. Teixeira, A. R. Santos, Coelho, Verdial, José Pinto da Costa, António Ribeiro, Domingos, António M. Moleiro, José Rodrigues, Roberto, Amadeu, Mário de Azevedo, Lucena, José Quintans, Albertino, and Soma.

empresa comercial que vende papel impresso como o mercieiro aqui defronte vende pimenta e banha de cheiro.

Ali o critério é do balcão. Vendem-se as ideias que mais dão, espreitando habilmente como é preciso impingir a patranha, para que ela pogue e o público pague.

Do Diário da Manhã, jornal monarchico, de 27 de Maio de 1914:

O Seculo pergunta, em largas e cínicas letras ao alto da sua primeira página, se ha justiça em Portugal, a propósito dum assassinato em Castelo Branco.

É claro que, a priori e sem risco de refutação séria, se pôde dizer que a maior, mais flagrante e mais triste prova de que não ha justiça em Portugal, é a própria existencia dessa crápula moral, que todos os dias suja o caracter e a alma portuguesa com o espectáculo do seu banditismo criminoso e claro. Se houvesse uma justiça colectiva, se houvesse uma sanção moral perfeita, todos nós, monarchicos ou republicanos honestos, já teriamos imposto o desaparecimento desse jornal, que tem sido a arma mais dissolvante do caracter português.

UM PROTESTO

O Grupo Civil de Defesa da República, de Cedofeita, lavrou na imprensa um protesto contra a Policia de Segurança do Estado. É claro que os nossos camaradas e leitores não de estar algo admirados por um grupo de defesa da República protestar onergicamente contra um grupo de policia da defesa do Estado, o que equivale a dizer da própria República. Qual a razão da indignação dos republicanos do primeiro grupo contra os republicanos do segundo, que tem por proficentissimo chefe o incomparável Vieira Marques, antigo estrela dos tablados teatraes? Por os ultimos se governarem sem produzirem obra útil para o país? Por não serem muito zelosos no cumprimento dos seus deveres, generosamente remunerados? Por enfileirarem, ou antes, fazerem parte da Universidade da lorpice? Nada disse: por se pronunciar em espertos de mais, por se demonstrarem zelosos e trabalhadores em excesso, pois êles, julgando se em terreno conquistado e supondo tratar-se de sindicalistas e anarquistas, cometeram a lamentavel imprudencia de passarem uma busca minuciosa em casa do cidadão tesoureiro do referido grupo civil, republicano do gema e, como os invasores, desinteressado velador dos interesses da República e da hegemonia do Estado.

Ora o protesto alegra-nos, e alegra-nos porque êle é um depoimento insuspeito a favor de tudo quanto temos dito a respeito da célebre P. S. E. Logo, pois, aplaudimos e acompanhamos o Grupo Civil de Defesa da República, de Cedofeita, na sua justa indignação, na esperança de que esse Grupo protestante nos acompanhe também nas occasiões em que protestamos contra as violências exageradas da P. S. E. contra o operariado e aqueles que pensam livremente e criticam a actual fórmula da sociedade. A não ser que os modernos carbonários se julguem outra gente. Nem por isso, contudo, deixaremos de acompanhar o protesto. É que somos amantes da liberdade íntegra e não de seita.

Mudança de ministros não se faz mais que mudar de latões.

CRISTINA DE SUECIA

CLEMENTE V. DOS SANTOS

O HOMEM ATRAVÉS DA HISTÓRIA

CONFERÊNCIA REALISADA NO CENTRO COMUNISTA DO PORTO

A PROXIMA REVOLUÇÃO

É o facto da maioria dos revolucionarios ter por ideal ainda um Estado que só se pode obter pela mais cruel violencia, e que, se um dia fosse atingido, privaria os homens dos ultimos restos da liberdade, mostra que esses homens não possuem nenhum novo ideal.

Não pode ser o ideal do nosso tempo a modificação da forma da violencia, mas o seu aniquilamento completo, que só se pode obter pela não-obediência ao poder humano.

LEÃO TOLSTOI.

"A COMUNA,"

SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Lista n.º 100 - Redacção, J. M. Maurício - Terceira, Soares Nogueira - Ficalho, Norberto T. Carvalho - Porto, José do Carmo Colá - Vila do Conde, Manuel Malteira - S. B. d'Alfornel, José F. Ferré - P. de Santa Iria, António L. Quetões - Africa, Quirreman - Porto, António M. Ferrelra - Gondomar, Daniel P. da Silva - Gondomar, and Soma.

A êsmo...

Em república!

Tôda a gente se lembra: nos tempos da *omniúsa*, os caudilhos da república gritavam apopléticos contra os monopólios. O povo aplaudia e eles esfregavam as mãos. Assim que a república se proclamou, o povo esperava que os monopólios acabassem. Falaz ilusão! Os que estavam, continuaram a... estar, dando ao a que outros novos se fizessem. E o caso é que os monopólios antigos adquiriram tais foros... de cidade, que o Estado republicano se curva reverentemente em presença deles.

Uma das provas está no facto recente do Estado pagar a três guardas-fiscaes para a cada um uns poucos de dias atrás dum individuo a ver se elle puxava por uma acendalha! E no fim, como se viram desconcertados, apalparam-no e vexaram-no no meio da rua, com uma sencermónia inadmissível, dando a impressão de que isto, a respeito de civilização, está muito aquém de Marrocos.

E o raio das pedras das calçadas continuam plácidamente nos seus logares...

Administração burguesa

Em cifras redondas, a situação financeira da França é esta:

Dívida interna.....	200 bilhões
" externa.....	50 "
Orçamento anual..	50 "

E como tudo aquilo é um cão, a burguesia francesa para sair de apuros só vê um meio: obrigar os operários a trabalhar muitas horas por dia e extrair da Alemanha o mais que puder.

Oxalá que lhe estale a castanha na boca.

Que lindo quadro

Pinta-o assim o «Pala», do Rio de Janeiro:

«Em uma semana faleceram, nesta capital de suntuosas avenidas, nada menos de 88 pessoas de tuberculose!

«E' desolador este algarismo, que dá uma média de mais de 12 pessoas por dia, ou seja, mais ou menos, um individuo de duas em duas horas!»

Uma das principais causas d'este morticínio, dá-a o mesmo jornal:

«Crianças e moças que respiram mal, vivendo numa atmosfera exorbitante das coisas. Por tôda a parte lavra um grande descontentamento, e os protestos contra êsse mal-estar rei-

do bacilo de Koch. Portadores do terrível mal, sem recursos para um tratamento conveniente si ficam disseminando o organismo que aliada poderiam resistir, se outro fosse o meio, se outras fossem as condições de vida.»

Todavia... Todavia, o jornal em questão, em vez de apelar as soluções práticas no sentido de acabar com o mal terrível, apela para o Estado, como se o Estado se importasse com estas ninharias... Já é mania demasiada em não querer distinguir o branco do preto...

O soldado desconhecido

Vai ser sepultado em terras de Portugal um «soldado desconhecido» que morreu em França, na defesa das hostes capitalistas e imperialistas. Dizem que esse soldado é português; mas nós temos as nossas dúvidas, visto que elle é «desconhecido». E como é desconhecido, especialmente de quem o devia conhecer, tanto pôde ser português, como inglês, com café ou como pele-vermelha.

Seja, porém, de onde for, o que é certo é que elle morreu, batendo-se por uma causa que não era a sua. Essa guerra maldita, que durante uns poucos de anos assolou o mundo inteiro, tinha por fim defender os interesses das castas privilegiadas.

A prova, é que, no fim da contenda, os miseráveis que se pretaram a servir de carne de canhão, ficaram mais miseráveis do que o que já eram; ao passo que os nababos, os que não arriscaram nada, os que não tiveram, sequer, uma leve beliscadura, êsses é que foram todos sortudos partilhar os despojos sangrentos. E para alimentar a ilusão a ignorância popular de que a guerra é uma «coisa justa e humana», dão-se agora ao desporto de fazer solenes exéquias a «soldados desconhecidos» para que o povo se envaideça e os torne a servir quando elles assim o entenderem.

Porá muito tolo é o povo em dar ouvidos aos seus inimigos. A guerra não interessa o povo; interessa mas é os que vivem à custa d'ele. E esta verdade não é de agora — já tem muitas centena de anos.

Pois muito tolo é o povo em dar ouvidos aos seus inimigos. A guerra não interessa o povo; interessa mas é os que vivem à custa d'ele. E esta verdade não é de agora — já tem muitas centena de anos.

Bernardines

Tôda a gente se queixa da carestia dos gêneros e do preço exorbitante das coisas. Por tôda a parte lavra um grande descontentamento, e os protestos contra êsse mal-estar rei-

Jardineiros do Porto

Este sindicato em 1919 desenvolveu uma activa luta em prol do horario de 8 horas, tendo-se depois aliado um pouco da restante organização proletaria. Esta indiferença pela emancipação dos famintos é vergonhosa na epoca actual, sendo necessario que os camaradas jardineiros reformem o estatuto do sindicato, para neste darem ingresso os trabalhadores rurais da cidade, filiando-se na respectiva Federação de Industria e na União dos Sindicatos Operarios.

nante não são as dezenas — são aos milhares. Pois o governo da presidência do Bernardino, para dar deferimento a êsses queixumes, dirigiu, pela pasta do interior, uma circular a todos os governadores civis e administradores de concelhos, perguntando-lhes quel era... a politica da maioria das respectivas câmaras municipais!

Alegre-te, povo, com mais esta solução ideal! Vais, enfim, ver realizadas as tuas aspirações! Agora, sim. Fim da estatística, vai encher a barriguiha de politica, com algum chumbo da guarda municipal (vulgô republicana) para evitar as indigestões...

Quem dá, é pai...

«Quando o marechal de la Ferté entrou em Metz, foram cumprimentá-lo os judeus, como todos os outros habitantes. Ao saber que estavam na antecâmara, o marechal exclamou:

— Êsses mariolas, não os quero ver; foram eles que mataram Jesus Cristo. Não lhes deis entrada.

Foram dizer aos judeus que o sr. marechal não estava visível; e os judeus responderam que sentiam muito, mesmo muito, pois traziam-lhe um presente de quatro mil pistolas. (A pistola, moeda de ouro, tinha o valor de 10 francos). Comunicaram-no logo ao marechal, que disse imediatamente:

— Mandai-os entrar, coitados; eles não conhecem Jesus Cristo, quando o crucificaram...»

O leitor que tire a conclusão...

Definições subversivas

**LIVROS SANTOS**—Os livros santos são poemas roubados ao melhor da literatura indica. Nem ao menos são original hebreu.—Fialho d'Almeida.

24-3-921. PEDRO GUIMARÃES.

RIDENDO

Macaqueando a Inglaterra, «nossa velha e fiel aliada», esta a seu turno tendo macaqueado a França, Portugal... alto lá! os seus representantes (hay que distinguir...) resolveram levar avante a fantochada dos soldados desconhecidos, para isso tendo escolhido o «solémene» dia 9 de Abril.

Este espirito de macaqueação, que é um dos caracteres inatos no homem (não diz Ch. Darwin que este descende duma forma inferior conhecida?), está todavia muito accentuado entre os exemplares indigenas e exóticos da «nossa» fauna parlamentar.

Lembram-se uns quantos malduros da estranha de adiantar os relogios uma hora? Pois ai temos os nossos illustres pais da pátria ás voltas com o ponteiro até o pótem no zero (horas), se acaso está nas onze.

Uns macacos, melhor, uns macacos, estes senhores deputados.

Presentemente andam eles empenhados em levar os ossos de dois incognitos para a Batalha. O que admira é que nestes tempos de lucrativos industrialismos vão os ossos dos soldados parar ao Panteão da Raça (!) quando é certo que, para lustro e conservação das botas do general que levou os «heróis desconhecidos» a chacina, poderiam ser transformados em optima graxa inglesa, cumprindo-se assim o destino derradeiro que Alphonse Karr, no seu livro «Debaixo das Tílias», assindla ao soldado que vai á guerra.

Mais dois heróis!... E queda-se a gente espantado perante a série infundavel de heróis, uns que surgem dos campos ensanguentados da guerra, outros do alcapão tenebroso das revoluções: heróis do mar heróis de Chaves... falsas, heróis de todos os tamanhos, formas, côres e logares (a Rotunda v. g.)...

Decididamente Portugal... esse velho corcovado esse velho que vêdes assim rôto...

no dizer de certa rapaziada treverente, é um bom herói... cómico!

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

Convidam-se os socios deste centro a reunir hoje pelas 10 horas da manhã afim de discutir as bases que hão-de regular a caixa de Solidariedade. Visto a importância do assunto pede-se que não haja falta a esta reunião.

ASSOCIAÇÃO ANTI-ALCOÓLICA OPERÁRIA

Na última reunião foi aprovado o seguinte apêlo, cuja publicação se solicita em tôda a imprensa operária e avançada:

«Persuadidos de que, para realizar o ideal social a que aspira, o proletariado não deve desperdiçar nenhuma das suas forças revolucionárias;

Sabendo que o alcoolismo produz nas classes trabalhadoras, um enorme desperdício de energias físicas e morais, e acarreta, pelo enfraquecimento do individuo, grande número de baixas no exército do proletariado;

Constatando que o alcoolismo abala os fundamentos da sociedade futura e ameaça a saúde das gerações vindouras;

Que provocando o dispêndio da magra fôrça dos operários, priva as caixas sindicais e as cooperativas dos necessários recursos e enfraquece todos os órgãos de luta e da emancipação dos proletários;

Notando que, se o alcoolismo, que é um vício sem desculpa nas classes burguesas, se explica (em parte, pelo menos) entre os proletários pelos trabalhos pesados que executam, carestia de habitação e de alimentos, insuficiência de salários e outras razões, estas não constituem forte motivo ao adiamento do combate a este flagelo para uma porventura longínqua data em que triunfaram as reivindicações socialistas;

Mas que, pelo contrário, abandonado para mais tarde a luta contra o alcoolismo, e

deixando à burguesia egoísta e ao capitalismo rapace o campo aberto para a sua obra maléfica, arriscamo-nos a comprometer o sucesso final da nossa emancipadora em que nos empenhamos;

Os abaixo assinados, membros abstinêntes e naturistas da comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária desejando veementemente travar contra o alcoolismo uma luta sem tréguas entre as classes trabalhadoras, e tendo como escopo conseguir a filiação nesta agremiação operária de mil camaradas até Junho próximo, apela para a generosidade, espirito progressivo e solidariedade de todos os operários de Portugal no sentido de inscreverem em massa na Associação Anti-Alcoólica Operária, Calçada do Combro, 38, A, 2.º, como eloqmente demonstração á burguesia, de que a classe operária se interessa pelos mais elevados problemas de ordem social».

A Comissão.—Luciano Silva, Lion de Castro, João Baptista Bacelar, José Peralta e Martinho Serra.

Doixamos êste importante apêlo ás consciências esclarecidas dos trabalhadores, no sentido de se emanciparem de todos os vícios que, quer moral, quer materialmente contribuem para o seu aniquilamento, collocando-os num plano inferior a quello para que querem caminhar: a igualdade e perfeição humana.

Cerâmicos de Gaia

Os trabalhadores desta industria devem ingressar no Sindicato Unico da Construção Civil, por ser necessário este organismo tor no seu seio todos os proletários que são precisos para a construção das casas. Os cerâmicos devem nomear delegados ao conselho técnico do sindicato, para fazer a estatística da média da produção e, junto com a Federação da Construção Civil, trabalhar com ardor em prol da emancipação do povo.

... esse velho corcovado esse velho que vêdes assim rôto... no dizer de certa rapaziada treverente, é um bom herói... cómico!

Construção Civil da Póvoa de Varzim

A classe da construção civil agrupada no sindicato Unico, tem demonstrado ha bastante tempo o desejo de se emancipar da tutela do capitalismo, cumprindo o seu dever perante a Federação de Industria e a C. G. T., porém é preciso que o proletariado desta classe, organize o conselho técnico do sindicato, para fazer as estatísticas da existência e localidades onde a industria se abastece das materias primas. A comissão administrativa do Sindicato deve activar a propaganda sindical nos arredores organizando os operários das pedreiras, e os trabalhadores empregados na fábrica de serração em Laundos, porque na sociedade futura êstes componentes do sindicato são necessários para organizar a produção.

AGENTES E VENDA AVULSO

Porto — Redacção, 880; Robredo, 880; Torres — chapeliro — 3800; Teodoro Ribeiro, 880. Lisboa — L. Machado, 2800; Francisco Fernandes, 3582; D. H. 3800; Roque Simões, 5000; J. Sindicalista de B-lem, 9800; Batalha, 4851; Quioques, 53800. Barcelena — Maximiano Pinheiro, 1850. Ollão — Constantino Gregorio, 30800. Espinho — A. P., 1815. Amarante — Amílcar da Silva, 1849. Vila do Conde — C. Machado, 4830. Póvoa de Varzim — E. Correia, 10800. Famalicao — Construção Civil, 1800. Barreiro — António J. Alves, 10800. Faro — J. Gregorio dos Santos, 6800. Viana do Castelo — Viuva do Alberto, 880. Brasil — Pedro Bischoff, 10824; Victorino Corrêa, 19879. Soma 248352. Total: 528395.

Conta corrente

ASSINATURAS

Porto—João A. Paiva, Manuel da Silva, 2 a 285; Manuel R. Santos, 880; Celestino Augusto, A. L. Gonçalves, António Sampalo, F. Gonçalves, L. C. Peixoto, 5 a 1800; António Ribeiro, 850; Celestino Peixoto, 985; A. J. Fernandes, 3350; Queubim — escultor — 1850. Vila do Conde — J. do C. Ceta, 2805. Lisboa — Gil Gonçalves, Augusto Machado, 2 a 2850; Herculano L. Roque, 1800; Joaquim Seabra, Adelino Ferreira, 2 a 850. Barreiro — Artur Machado, 880. Pombal — Aires de Matos, 1820. Espinho — A. A. Silva, Carreira, 2 a 820. S. Pão de Gouveia — Ateneu Educação Popular, 2880. Gaia — Alfredo S. Oliveira, 880. Ficalho — Carvalho L. Valente, 870. S. Tiago Maior — João Lino, 1860, Manuel Placo, 1850, J. Glória Ramalho, 1890. Sangalhos — Manuel F. Tomé, 1820. Póvoa de Santa Iria — José Tarré, 2800.

DESPESA

Deficit do mês anterior	155325
Papel para os n.ºs 44, 45, 46 e 47	165800
Composição dos n.ºs 44, 45, 46 e 47	94890
Impressão, dos n.ºs 44, 45, 46 e 47	39890
Selos para expedição e cobrança	29848
Porcentagem de cobrança	4848
Frete	2800
Luz electrica	2820
Rafia	1800
Papel e envelopes	15340
Renda de casa	7800
Sabão e potassa	4800
Soma	516871
RESUMO	
Total de despeza	516871
« « receita	528395
Saldo para Abril	1224

O tesoureiro, Damião Castelo.

FOTIAS BOG V STHMESO

Os selvagens da América septentrional vivem debaixo das leis da simples Natureza e nem conhecem o teu nem o meu, que são a causa de todas as desgraças. Socorrem-se mutuamente sem ser solicitados, e o que pertence a uns é comum a todos. Por isso, não tem processos nem querelas, nem roubam nem tem dominação uns sobre os outros, e riem-se dos cristãos que são escravos uns dos outros e não podem viver na actual sociedade sem renunciar a sua liberdade natural.

BARÃO DE FLOUTAN.

O homem preistórico; era feio, andava nu, mas não conhecia a maldade social nem se degladiava como hoje. Como se alimentava. Perdido nas trevas, mas desconhecendo a tirania dos governos e dos exércitos. Animais racionais e irracionais. Confronto. Levaria uma vida aborrida? O que desconhecia: não era filósofo nem cientista; também não era lobo de si mesmo. Mutações da Natureza; razões da evolução natural, que influem na evolução física dos seres. Melhor cultura do homem. Feições mais delicadas; vestígios da animalidade apagados; civiliza-se o homem, perde o apêndice, mas, pela vez primeira, volta as armas contra si. Opinião dos sabios economistas. Comer para não ser comido. Necessidade de nos devorarmos. Progressões e seleções. Como justificam a vaditice. As guerras aperfeiçoando as raças? A humanidade antiga não foi antropofaga. Um exemplo. O que é o instinto? O que diz Voltaire.

Houve um rápido período, conquanto êle compreendesse alguns milhares de anos nesta curtíssima viagem através do domínio da existência efêmera —sombra que foge, relâmpago que se apaga — em que o Homem teve alguma felicidade.

Era feio a esse tempo, inestético de todo. De estatura pequena, rosto grosseiro e sem testa, com nariz amolgado, achatado, e queixo incompreensível. As maxillas eram proeminentes e os supercilios moviam-se aterradoramente. Tinha tórax largo, mas arqueado, e volumosos e retezados músculos a evidenciarem uma força hercúlea.

Não andava desempenado e elegante como os nossos adelaidinhas contemporâneos a pavonearem-se diante dos quentes olhares das concupiscentes dengosas: caminhava meio dobrado sobre as côxas, a largas pernadas e em movimentos rápidos. O figurino *dernier cri*, pelo qual se vestia, tinha-lhe sido oferecido pela Natureza: a civilização dos mais extravagantes *tailleurs* de Paris e Londres ainda não haviam apparecido a deslum-